

**DISCURSO PROFERIDO POR DR. OLAVO SETUBAL NO
SIMPÓSIO PARCERIAS TÉCNICO-CIENTÍFICAS PARA O
DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO**

16/09/2005

Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo,
Professor Doutor ADOLFO JOSÉ MELFI

Excelentíssimo Senhor Diretor da Escola Politécnica,
Professor Doutor VAHAN AGOPYAN

Agradeço, sensibilizado, a homenagem que me é prestada pelo Centro Interunidade de História da Ciência da USP, por meio da Pró-Reitora de Graduação, professora Sonia Penin, e do diretor da Escola Politécnica, professor Vahan Agopyan.

Recebo esta homenagem como reconhecimento simbólico da opção acadêmica que fiz há seis décadas. Na época, o curso de direito estava no auge. Mas, contrariando a sugestão dada por meu pai, que era bacharel, escolhi a engenharia.

Foi a Escola Politécnica que abriu meus olhos para a importância da ciência como fator de desenvolvimento sócio-econômico. Os cinco anos que passei no antigo prédio da praça Júlio Prestes coincidiram com a decolagem da industrialização brasileira. Aquele foi o período histórico em que surgiram a Vale do Rio Doce e a Companhia Siderúrgica Nacional, levando o Brasil a uma etapa superior de crescimento.

Na Poli, também aprendi em sala de aula o que a literatura econômica hoje chama de “destruição criadora”. Ou seja, a idéia de que a história das técnicas de produção é uma história de revoluções científicas e de inovações tecnológicas.

Foi assim com a siderurgia, que passou do forno a carvão aos altos fornos. Foi assim com a produção de energia, que passou da roda de água à usina hidroelétrica. Foi assim com o transporte, que passou da tração animal à máquina a vapor, dos motores de combustão interna aos foguetes tripulados, como a *Discovery*. Foi assim com a comunicação à distância, que passou do tambor aos satélites e aos efeitos irradiadores do complexo eletro-eletrônico.

A industrialização iniciada nos anos 40 dinamizou a economia. O crescimento econômico abalou as estruturas tradicionais e urbanizou o País. E o aumento da mobilidade social abriu caminho para as mais diversas pressões políticas, o que levou à modernização brasileira e colocou para nós o desafio do controle da tecnologia e da produção de ciência de ponta.

Na verdade, a escolha de um modelo tecnológico implica a opção por um conjunto de vetores referentes a padrões de consumo da sociedade, a paradigmas de produção, a modos de exploração de recursos naturais e energéticos e ao perfil do sistema educacional.

Partindo da premissa de que conhecimento é poder, países como os Estados Unidos conquistaram sua hegemonia econômica e militar graças à parceria e convênios de prestação de serviços entre iniciativa privada, instituições universitárias de ponta e centros de pesquisa. O Japão conjugou políticas de industrialização com ambiciosos programas de desenvolvimento tecnológico e pesquisa aplicada nas empresas, sob coordenação direta do Estado.

A França baseou seus esforços nas universidades públicas e nas empresas estatais, por meio de generosas verbas previstas em orçamentos públicos.

Ainda que distintos, em sua concepção, os três modelos propiciaram êxitos surpreendentes e fascinantes. O detalhe é que, nos Estados Unidos, o progresso material aumentou de velocidade após o colapso financeiro do final da década de 20. No Japão, o dinamismo de sua economia veio da superação do desafio da reconstrução do pós-guerra. E, na França, o progresso científico decorreu dos desafios enfrentados por De Gaulle para assegurar a integração da economia européia.

Já o Brasil evoluiu dos tempos da reserva de mercado e do dirigismo estatal, entre os anos 60 e 80, para a abertura econômica e a revitalização do livre jogo de mercado, após a década de 90, quando o Executivo optou por lançar fundos setoriais para financiar universidades e empresas. Mas há muito o que fazer para se chegar a uma posição de crescimento auto-sustentado, capaz de gerar renda, criar postos de trabalho e permitir a integração das novas gerações na economia formal.

O exemplo mais bem sucedido é o de São Paulo. Aqui, a Escola Politécnica, o respeitado IPT, as demais unidades da USP e a FAPESP deram uma contribuição decisiva para viabilizar a construção de uma economia industrial moderna, competitiva, integrada e sustentada por uma ampla indústria de base. Além disso, parcerias entre a comunidade acadêmica e a iniciativa privada, como aquelas que o Itaú já firmou com a própria Poli, têm sido decisivas para o avanço do setor de serviços.

Tendo começado minha carreira profissional no IPT, após formar-me na Poli, sempre procurei manter-me atualizado sobre a produção científica da comunidade acadêmica paulista. Como empresário, sempre fui entusiasta de parcerias entre a USP e a iniciativa privada. De certo modo, esse é o motivo que os levou a me fazer esta homenagem.

Recebo-a, como já disse, na condição de um engenheiro que obteve da USP a formação necessária para atuar num País tão complexo como o nosso. Foi a Escola Politécnica que me mostrou, desde os bancos escolares, o “desafio schumpeteriano” que o Brasil tem pela frente.

Esse desafio indica que o bem-estar material da sociedade reside, por um lado, na capacidade de suas empresas e de sua comunidade acadêmica de acompanhar a contínua revolução tecnológica do mundo contemporâneo. Por outro lado, esse desafio nos mostra que a correção das desigualdades sociais e a emancipação das novas gerações reside na capacidade de nossas instituições políticas de preservar o regime democrático e propiciar condições para a formulação de políticas sociais com foco e gastos públicos com qualidade.

É com a consciência desse desafio, cuja importância comecei a perceber há seis décadas, como aluno da USP, que agradeço a honrosa homenagem a mim prestada.

Muito obrigado.